

APROFUNDAMENTO - «QUEM ÉS TU QUE PREENCHES O MEU CORAÇÃO COM TUA AUSÊNCIA?»

«Graças à ferida que está em você, você pode encontrar um amigo verdadeiro que possa estar à altura do que você sente como mais problemático, mais incompreensível, mais misterioso, mas irremediado na sua vida. Amigo é quem te conhece melhor do que você mesmo. [...] Te permite finalmente olhar com simpatia para a sua ferida.» (Tríduo GS – Introdução 2). Quantas feridas se abrem perante o peso dos últimos dias de aula [na Itália]! Podem ser ocasiões para descobrir quem é nosso amigo, quem tem um olhar para nós como aquele contado por uma professora na relação com um de seus alunos: «Além das aparências, mostrava um desejo maior, mesmo se muitas vezes sufocado».

Nestes últimos dias de aula, encontramos um amigo assim?

Neste ano comecei a ensinar numa escola pública, num instituto técnico e profissional. Uma das minhas salas, a primeira, é uma sala muito difícil: são muitos os alunos, todos homens, há muitos estrangeiros e alguns repetentes, e muitos deles têm situações complexas. Desde o começo do ano o trabalho em classe se revelou tão duro, que vários colegas o consideraram impossível, e a reclamação e o incômodo dominaram os comentários e os juízos. Eu também fiquei muitas vezes determinada por uma sensação de fracasso acerca do resultado do trabalho e esmagada pelo cansaço.

Contudo, justamente nos momentos mais duros, e cada vez mais durante o ano, abriu-se em mim esta pergunta, como uma hipótese: e se, em vez de esperar algo deles, esses garotos e esses colegas me tiverem sido dados justamente porque eu é que tenho de aprender alguma coisa? E se me tiverem sido dados para mudar a mim? Então não há dia em que não dê para recomeçar! A ferida por causa da sensação de impotência e o desejo enorme de que esses jovens possam conhecer algo de grande permanecem, mas a medida do meu projeto se expande: o que está em jogo e que pode acontecer é maior do que a ideia com que eu entro em sala e que pontualmente acaba desfeita.

Conto um dos episódios em que ficou evidente que o estava acontecendo era mais do que aquilo que eu podia imaginar. Fazia já um tempo que eu tinha notado que um dos garotos mais difíceis, daqueles que criam um clima na classe arrastando consigo os outros, tinha assumido quase que uma docilidade comigo: de alguma forma tinha se dado conta de que eu me importava com ele, e assim me esperava, esperava um olhar meu. Além das aparências, ele mostrava um desejo maior, mesmo se normalmente sufocado. Em janeiro eu pude encontrar os seus pais durante uma reunião, e em lágrimas me disseram: «Professora, o nosso filho ainda está fazendo como no ano passado, está indo muito mal e se comporta mal, e nós já não sabemos o que fazer com ele!». De fato, na escola ele estava indo muito mal, e provavelmente poderia repetir de ano de novo, mas isso não podia ser tudo dele! Mesmo que repetisse, o que podíamos saber do que aconteceria nele nos meses seguintes? Tudo ainda estava para acontecer, e seria maior do que esperamos. Se ele tivesse pelo menos descoberto uma paixão ou tivesse decidido começar a estudar alguma matéria, teria sido um passo enorme para o caminho dele! Assim, junto com os conselhos práticos sobre a matéria, também falei a eles dessa esperança, porque podemos apostar no coração dele e porque na realidade há um bem e uma beleza que podem ser reconhecidos para recomeçarmos.

Devo dizer que nunca teria imaginado que aqueles pais, que eu tinha visto tão desmo- »

» realizados, confiariam e aceitariam o desafio a ponto de falar com o filho propondo-lhe que recomeçasse, até inscrevendo-o num reforço escolar no período da tarde. Tampouco poderia imaginar que ele aceitaria. Agora, quando vou para a classe deles, ele me espera no corredor para me mostrar o caderno: «Olhe, professora! Eu fiz os resumos como você disse e fiz a lição de casa!» (que é uma novidade para ele!).

Muitos colegas não tinham percebido esse fato, mas quando isso apareceu durante uma reunião e em alguns diálogos, a reação geral me assustou: parecia que o que estava acontecendo em relação à situação geral e em relação ao rendimento escolar do garoto não valesse nada, como se fosse algo muito pequeno e frágil. Não conseguiam ver... Essa incompreensão me feria, mas entendo que, se a pessoa não vê fatos como este, prevalece a frustração por uma circunstância que desafia tanto e nunca corresponde ao próprio projeto.

Provocada por eles, tive de voltar a me perguntar sobre o que tinha acontecido... O que eu vi? Um garoto que recomeça e passa a fazer uma coisa grande: livre de uma medida, começou a estimar-se a si mesmo, porque começou a sentir-se amado.